

## EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA: NOTAS PARA UM INÍCIO DE CONVERSA\*

**Elisabete Matallo Marchesini de PÁDUA**

Instituto de Filosofia — PUCAMP

"... numa palavra, a revolução fundamental que caracteriza a virilidade de nossa inteligência, consiste essencialmente em substituir, em todos os domínios, a inacessível determinação das causas propriamente ditas, pela simples procura das leis, isto é, das relações constantes que existem entre os fenômenos observados".

**COMTE**

"Contra o positivismo, que para diante dos fenômenos e diz: "Há apenas fatos", eu digo: "Ao contrário, fatos é o que não há, há apenas interpretações".

**NIETZSCHE**

"A Ciência é o instrumento do espírito ocidental, e podemos abrir mais portas com ele do que de mãos vazias. Só obscurece a visão quando apregoa que o único gênero de saber é o que está de acordo com ela. O Oriente ensina-nos um outro gênero de conhecimento, mais amplo, mais profundo e mais alto — o conhecimento pela vida".

**YUNG**

Em seu processo de constituição como ciência, a Psicologia esteve sempre ligada às suas origens, ou seja, à Filosofia. Em termos epistemológicos, a metafísica e a ontologia sempre se preocuparam em descrever os comportamentos do homem em termos de "substância",

---

(\*) Palestra apresentada em 04-10-88 na XX Semana de Estudos de Psicologia — PUCAMP. (Texto revisto para publicação)

“vontade”, “instinto”, “percepção”, buscando uma explicação racional para os “comportamentos de consciência”, a exemplo de Descartes, Kant ou Bergson.

A partir do século XIX, buscando uma identidade própria, a Psicologia voltou-se para o estudo dos “componentes orgânicos” do comportamento e, neste sentido, afastou-se da Filosofia e aproximou-se das Ciências Naturais, notadamente da Química e da Biologia, nesta época já bem organizadas em termos de método científico.

Portanto, falar em Epistemologia da Psicologia significa situar historicamente esta trajetória; acreditamos que este entendimento possa ser focado em três momentos distintos, os quais não deixam de ter a sua estruturação ligada à Filosofia, entendida aqui como reflexão sobre o Ser.

Um primeiro momento, marcado pelo **determinismo do fato**, que tem no associacionismo, no funcionalismo e no behaviorismo suas correntes mais importantes; um segundo momento, que poderíamos denominar de **determinismo do inconsciente** (ou da pulsão), que se estrutura no início deste século com a psicanálise. Uma terceira perspectiva surge com as chamadas **abordagens fenomenológicas**.

Ao situar esta trajetória historicamente, cabe à epistemologia da Psicologia indagar ainda sobre os pressupostos filosóficos que nortearam este caminhar, uma vez que, na maioria das vezes, estão “encobertos”.

## I – O DETERMINISMO DO FATO

É a partir de um questionamento filosófico elaborado pelos empiristas acerca das idéias, que se organizam as primeiras teorias do associacionismo: Como é que temos idéias? Como é que sabemos? Se admitirmos como resposta que é através dos sentidos, e as idéias que não são diretamente sentidas? A resposta empirista é que as idéias mais complexas provêm da **associação** das idéias mais simples, ou diretamente sentidas.

É assim enraizada na Filosofia que a Psicologia associacionista começa a explicar a atividade mental e, neste sentido, desde Aristóteles, na Filosofia clássica até Thomas Hobbes, John Locke, George Berkeley e David Hume na Filosofia Moderna, vamos encontrar a fonte ou os pontos de cruzamento destas duas áreas do saber. No empirismo britânico a razão é o fator dominante na orientação do comportamento humano, mas o conteúdo mental se estrutura unicamente através dos dados sensoriais. Isso elimina a necessidade das idéias inatas proposta por Descartes e J. Locke publica um longo trabalho, “Ensaio sobre o entendimento humano” (1690), sistematizando a idéia de que todo conhecimento provém dos sentidos e da reflexão sobre os dados sensoriais. Note-se que esta idéia já

estava contida na visão clássica da "tabula rasa" sobre a qual se supunha que a experiência era "gravada" desde a infância.

A primeira tentativa de demarcar um objeto para a psicologia surge com Bekerley, que desenvolve os princípios de qualidades primárias e qualidades secundárias sugeridos por Locke, e publica "Princípios do Conhecimento Humano" em 1710; esta foi a base para mais tarde Wundt e Titchener — estabelecerem os objetos específicos da Física e da Psicologia: a Física estuda a experiência independente do organismo experiente, ao passo que a Psicologia estuda a experiência dependente do organismo experiente.

Os princípios de causa e efeito foram desenvolvidos por D. Hume, considerado um dos precursores do positivismo. Aqui, o determinismo do fato aparece sistematizado na obra "Investigação sobre o entendimento humano", onde os conceitos de quantificação e raciocínio experimental acabam sendo a base do positivismo; Hume defendia a idéia de que tudo que podemos investigar se divide em duas classes: relações de idéias (geometria, álgebra, lógica) e matérias de fato (tudo que nos é dado pelos sentidos). Se as matérias de fato só são conhecidas pela experiência, para conhecê-las é preciso conhecer suas causas e seus efeitos, como Hume expressa em sua famosa frase — "Causas e efeitos são descobertos não pela razão mas pela experiência". A partir desta idéia se estabelece então o conceito de relação, que vai nortear toda a ciência e a tecnologia modernas, confirmando a primazia do fato: o fato acima de qualquer suspeita.

No século XVIII David Hartley retoma um capítulo de Locke — "a associação de idéias" e elabora sua tese, que é considerada o marco da psicologia associacionista do ponto de vista teórico e base para o desenvolvimento de uma metodologia para a psicologia experimental, que no início localizou seus interesses nas questões de aprendizagem humana e animal. É a partir destes estudos que Pavlov e Bechterev desenvolvem a reflexologia e Thorndike o connexionismo.

Portanto, a filosofia empirista organizou as bases para o desenvolvimento da Psicologia como ciência, mas entendida aqui como a tarefa de procurar relações causais entre os fatos; o associacionismo se incorpora à Psicologia metodologicamente, onde a associação de variáveis no estudo do comportamento humano lhe confere o status de ciência — o homem torna-se então um "objeto de experiência".

A partir dos estudos de W. James, E. Thorndike, J. Dewey e mais recentemente R. Woodworth, a chamada escola funcionalista norte-americana desloca o eixo das investigações das questões da sensação e da percepção para a questão: o que fazem os homens e porque o fazem? Isto faz com que as pesquisas passem a se basear nas relações funcionais ou de dependência entre antecedentes e conseqüentes, função aqui entendida dentro dos parâmetros do modelo matemático.

Esta visão, profundamente influenciada pela Teoria da Evolução de Charles Darwin, guarda um certo pragmatismo, quando se preocupa com a **utilidade** da consciência e do comportamento. Para W. James o conhecimento útil para a Psicologia viria do estudo tanto do comportamento como da consciência, tanto das diferenças individuais como dos princípios generalizados, tanto da emoção como das condições do sistema nervoso, pressupondo que a Psicologia deve estudar **funções** — seria parte da ciência biológica e o homem deve ser estudado em seu ajustamento e reajustamento ao meio: a finalidade da consciência é fazer o homem um animal melhor adaptado e torná-lo apto a escolher. (A Influência de Darwin fica clara, a consciência **deve** ter alguma utilidade, caso contrário não teria sobrevivido).

De qualquer modo, ao enfatizar a aprendizagem, os testes mentais e se interessar pelas correlações funcionais entre variáveis, o funcionalismo foi fundamental para a psicologia experimental, lançando as bases do behaviorismo.

O behaviorismo tem em J. B. Watson um dos seus pesquisadores mais importantes, e sistematizador do que conhecemos hoje por Psicologia Objetiva: primazia do comportamento como fonte dos dados psicológicos; Watson organizou critérios sistemáticos para a experimentação animal e desejava aplicar as técnicas e princípios da psicologia animal aos seres humanos.

A psicologia objetiva foi fortemente influenciada pelo positivismo do filósofo francês August Comte, que enfatizou dois tipos de estudo das funções afetivas e intelectuais: determinar com precisão as **condições orgânicas** de que estas funções dependem e observar a **seqüência** do comportamento.

O próprio lema do positivismo comteano — “Prever para controlar” aparece no behaviorismo de Watson, que tinha dois objetivos específicos: “conhecido o estímulo, prever a resposta: e prever o estímulo, conhecendo a resposta”.

Vale a pena lembrar alguns pressupostos de Watson nesse paralelo com a filosofia positivista:

- “1 — O comportamento compõe-se de **elementos de resposta** e pode ser cuidadosamente analisado por métodos científicos, naturais e objetivos;
- 2 — O comportamento compõe-se inteiramente de secreções glandulares e movimentos musculares; portanto, é basicamente **reduzível** a processos físico-químicos;
- 3 — Existe uma resposta imediata, de alguma espécie, a todo e qualquer estímulo eficaz; toda e qualquer resposta tem alguma espécie de estímulo. Assim, existe no

comportamento um rigoroso **determinismo de causa-efeito**;

- 4 — Os processos conscientes **se é que existem** não podem ser cientificamente estudados; as alegações sobre a consciência representam **tendências sobrenaturais** e como remanescentes, das **fases teológicas e pré-científicas** da psicologia, devem ser ignoradas.”<sup>1</sup>

Constata-se que a própria terminologia de Watson é extremamente similar à de Comte, que acreditava que o pensamento humano se desenvolvia através da Lei dos Três Estágios: o primeiro teológico, o segundo, metafísico e o terceiro, científico ou positivo. É justamente aqui, no estado positivo, que a ciência exerce seu papel mais importante, uma vez que cria as condições para se prever e controlar o comportamento, tanto do indivíduo como dos grupos sociais.

Este behaviorismo de Watson tem sua continuidade assegurada pelo chamado neo-behaviorismo, de Edward Tolman, Clark Hull e B. F. Skinner, que além dos pressupostos filosóficos do positivismo comteano<sup>2</sup>, tem no neo-positivismo do Círculo de Viena (Carnap, Neurath) todo um “apoio” filosófico.

Sem dúvida, Watson sistematizou suas teorias num momento extremamente favorável, em termos de conjuntura histórica e científica: o operacionismo na Física, o positivismo na Filosofia e o behaviorismo na Psicologia formaram um “bloco de forças” tal, que se tornaram “dominantes” e, ao mesmo tempo desejáveis para o capitalismo industrial desenvolvido.

Dizemos isso, porque quando tratamos qualquer área do saber, nossa tendência é pesquisar e analisar aquilo que chamamos “produção científica específica” de cada área, como se esta produção pudesse se dar “do lado de fora” do contexto sócio-político, econômico e histórico. E na maioria das vezes, é esta mesma a intenção no interior da produção científica.

Com o neo-behaviorismo tivemos a sistematização da teoria da aprendizagem e da “mudança científica” do comportamento, ao mesmo tempo em que ocorreu uma “purificação” da linguagem psicológica, onde termos como “emoção”, “motivação” “percepção”, foram gradativamente substituídos por termos como “hábitos”, “condicionamento operante”, “contingências do reforço”, “comportamento manifesto” e outros.

E vai ser a Filosofia da Ciência que nos dará os elementos para uma análise crítica e epistemológica da Psicologia, ao mostrar que toda esta busca de uma legitimidade científica e estruturação teórica se dá em confronto direto e quase simultâneo, com outro “bloco de força”, representado pela Psicanálise, que busca uma explicação científica para o

comportamento humano dentro de parâmetros diversos, que admitem pressupostos não variáveis experimentalmente.

## II – O DETERMINISMO DO INCONSCIENTE

O idealismo alemão de Goethe, Schelling e principalmente Leibniz (com suas mônadas de energia), influenciam profundamente Sigmund Freud (1856-1939), que com seu "corte epistemológico" instaura nova visão sobre o entendimento do comportamento.

O homem passa a ser visto não mais como um "ser de respostas", mas como um "ser de desejos". Metodologicamente, Freud transfere a unidade básica de análise, do comportamento para a personalidade, e elabora toda uma teoria da estrutura e da dinâmica da personalidade com base nas pulsões. Está instaurada a era do determinismo das pulsões, sobretudo a inconsciente.

O comportamento passa da categoria de **objeto** da Psicologia à categoria de **meio de estudo** do inconsciente. É como se a ação do homem fosse ditada pelos mecanismos de repressão e ajustamento e tivesse como ponto de partida o passado.

É claro que no interior da Psicanálise, Carl G. Yung, Alfred Adler e principalmente os culturalistas como K. Horney, Harry Sullivan e Eric Fromm continuaram a desenvolver as propostas freudianas sem o radicalismo inicial, e as experiências sociais ganham cada vez mais espaço, a ponto de erigirem a Psicologia Social como uma parte específica da Psicologia.

O fato mais importante nos parece ser este deslocamento do enfoque a-histórico, descritivo, da psicologia behaviorista, para o resgate do homem como ser social, "forjado" pelos princípios do prazer e da realidade, que tem na expressão do comportamento a influência de todo o aparato institucional, portanto histórico, da sociedade e da cultura: religião, família, moral, vida sexual, passam a se constituir elementos importantes para a **interpretação** do comportamento. E com isso fica instalada a polêmica em torno do estatuto científico da psicanálise, já que enquanto método ela dispensa a experimentação e os princípios de verificabilidade da ciência moderna.

Enquanto o behaviorismo se estruturou de acordo com os parâmetros do método científico vigente nas ciências naturais, e o "prever para controlar" expressa bem isso, seus parâmetros rígidos da associação estímulo-resposta, conexões, generalizações, leis, lhe conferem o status de Ciência e dão legitimidade científica às terapias comportamentais derivadas deste aparato teórico-experimental.

Ao contrário, a psicanálise, enquanto terapia, carece desta legitimidade no sentido clássico de ciência, porque não há previsibilidade nem possibilidade de controle do resultado terapêutico, dentro daquele "modelo" metodológico clássico.

Historicamente, acabam se formando dois grandes blocos no interior da Psicologia, que se definem pelo maior ou menor grau de adesão aos postulados destas duas perspectivas.

Para isso contribuíram também os autores que podem ser chamados do grupo de esquerda radical em relação à Freud, como W. Reich e H. Marcuse, que ao tentarem introduzir na análise do comportamento elementos da filosofia marxista, aumentaram ainda mais esta polêmica. Os pressupostos filósofos de K. Marx influenciaram quase toda a Escola de Frankfurt, e inauguraram também nova fase na própria filosofia, ao colocar o político como base da atividade do homem, que tem sua ação "determinada" pelo passado sim, mas que age com relação ao futuro, portanto pode "escapar" tanto do determinismo das pulsões quanto do determinismo dos fatos.

### III – AS ABORDAGENS FENOMENOLÓGICAS

As abordagens fenomenológicas têm seus fundamentos filosóficos estruturados em fins do século XIX por F. Brentano; mas é a partir da crítica ao psicologismo de E. Husserl em "Investigações Lógicas" (1901) e "Idéias Diretrizes para uma Fenomenologia" (1913) que se estabelece o debate em torno da Psicologia, que enquanto ciência empírica dos fatos do conhecimento, não podia, a seu ver, assumir a explicação do conhecimento, que deveria se dar ao nível da Lógica. Por outro lado, a psicologia ao descrever fatos deixa de lado seu **sentido**, sua significação em função da multiplicidade de direções manifestadas no comportamento humano. Brentano havia colocado a questão da **intencionalidade** como característica fundamental no estado dos fenômenos psíquicos, e esta intencionalidade é o que vai permitir que se ultrapasse a visão determinista, colocando que o homem luta por um objetivo e um significado para a vida, já que possui uma vontade livre. Enquanto ser subjetivo, o homem pensa, decide e sente e seu comportamento depende da percepção do mundo em geral e da percepção da sua situação imediata.

Os filósofos M. Heidegger, J. P. Sartre, K. Jaspers e especialmente Merleau-Ponty, com sua "Fenomenologia da Percepção" (1945), trouxeram grandes contribuições para a Gestalt e para a Terapia Centrada no Cliente.

A Gestalt tem em Wertheimer (1880-1943) e Kohler (1887-1967) seus principais pesquisadores, mas teve seu grande momento

quando estes psicólogos se transferiram para os Estados Unidos, onde seus trabalhos foram intensamente divulgados.

Enquanto método, a unidade básica de análise se norteia pela experiência e comportamento “como um todo”, com ênfase para a experiência individual, a percepção e a introspecção. Aqui surge um confronto com a visão behaviorista: no behaviorismo, não se leva em conta a percepção e sim o estudo das relações entre os antecedentes e o comportamento.

A Gestalt vai enfatizar as relações entre os antecedentes e a percepção, numa perspectiva que leva em conta a intencionalidade, o sentido da ação e a vontade de mudança — o homem se organiza em função da percepção que ele tem do mundo que o cerca, que é única e que se apresenta como uma totalidade e não como fatos isolados que possam ser superpostos. Há necessidade da Psicologia se concentrar no **processo** ou **ato de sentir** como um todo, e não na sensação como um elemento isolado, e ainda, que vigoram **relações** entre os elementos que constituem um processo, formando uma estrutura.

A postura metodológica é outra: se estabelece uma nova relação sujeito-objeto — da dicotomia e separação em pólos opostos, do distanciamento e neutralidade do método clássico, para a “humanização” da própria ciência. Não é o método experimental que confere legitimidade ao conhecimento, mas é a consciência que dá sentido ao mundo, num processo que está continuamente se renovando. Sujeito e objeto se encontram em relação, portanto são inseparáveis.

Este entendimento “revolucionaria” o processo terapêutico, colocando o paciente como centro deste processo, porque do contrário ele não teria validade. Como cita Rollo May, um dos defensores da chamada psicologia humanista:

“Mas se ao me sentar lá, estiver pensando principalmente nos motivos e modos como surgiu o problema, terei compreendido tudo menos a coisa mais importante de todas, a pessoa real. Na verdade terei compreendido tudo exceto a única fonte real de dados que tenho, isto é, o ser humano participante, essa pessoa que agora surge, se transforma, “constrói o mundo”, usando as palavras de um psicólogo existencialista, cara a cara”.

Há uma ênfase no “aqui e agora”, que introduz no processo terapêutico questões importantes como a liberdade e a responsabilidade e um peso muito grande para a livre escolha.

L. Binswanger, M. Boss, J. Van Der Berg se empenharam em construir uma teoria psicológica de base fenomenológica; nos Estados Unidos, Carl Rogers (1902-1986) elaborou uma das abordagens de maior



influência e impacto, "terapia não diretiva", "terapia do eu" ou "terapia centrada no cliente".

O existencialismo de Sartre exerceu grande influência em Rogers. Sua proposta enfatiza a tendência da pessoa para desenvolver suas capacidades "de dentro para fora" (auto-realização), muito semelhante à visão sartreana sobre a capacidade do indivíduo para determinar o seu próprio destino: cada indivíduo tem uma responsabilidade irrevogável sobre suas ações.

Há uma afirmação do valor de cada um, e a proposta rogeriana se baseia no potencial de crescimento de cada um, procurando enriquecer as experiências, valorizando a autonomia, ou como o próprio Rogers diz: "o terapeuta não se concentra na experiência atual do mundo do cliente a fim de fazer uma interpretação precisa ou diagnóstica. Ele acredita que é a experiência do sentimento compreendido em si que promove a mudança para o crescimento".<sup>3</sup>

Nota-se a mudança no eixo de análise: não se busca a **patologia** para depois se encontrar uma terapia adequada e se traçar um quadro de prognósticos, mas há um deslocamento para o "**crescimento**", para o "**ser em processo**", cabendo ao terapeuta estabelecer as condições facilitadoras; não há "rótulos" ou "classificações" das patologias como um método clássico, mas princípios (singularidade, potencialidade, relação terapeuta-cliente, auto-conceito, condições de valor, empatia, por exemplo) que norteiam os estudos e as pesquisas, que ainda hoje estão se desenvolvendo.

Como chama a atenção Japiassu<sup>4</sup>, a perspectiva fenomenológica abre um espaço para uma investigação epistemológica em psicologia, "da imaginação, do afeto, e tudo o que se liga, na vida mental, a essas funções do imaginário e do afetivo, que não cabem no campo analítico do behaviorismo".

Em termos de epistemologia não se pode mais ignorar estas fragmentações no domínio da investigação da psicologia contemporânea, que geraram uma multiplicidade de abordagens terapêuticas e no domínio prático, uma multiplicidade das psicologias: psicologia educacional, industrial, do trabalho.

Estas notas não têm a pretensão de serem conclusivas ou responder a questão epistemológica da cientificidade da Psicologia, mas visam abrir perspectivas para uma discussão em torno destas tendências que hoje se apresentam tanto ao nível teórico-experimental quanto clínico. Essa discussão e o incremento das pesquisas em torno dos métodos nos parece fundamental para que se possa superar os radicalismos que muitas vezes se instalam nas práticas terapêuticas, com reflexos negativos para os próprios pacientes.

Encerramos com um trecho de Japiassu, **que** a nosso ver expressa a urgência e a necessidade das pesquisas em torno da epistemologia da psicologia:

“Freud foi o primeiro psicólogo a sentir claramente a necessidade de se introduzir na psicologia a dimensão de um silêncio: silêncio da psicologia científico-experimental quanto aos enunciados que a fundamentam; silêncio também da psicologia social que, ao dissimular uma filosofia, cala-se sem nada nos dizer sobre os laços que as unem. E é neste silêncio, ignorado enquanto silêncio, que a psicologia científica se situa como **discurso**. Talvez uma das tarefas da psicologia fosse a de descobrir ou redescobrir, não tanto os **conteúdos manifestos** de seu discurso, mas seus **conteúdos silenciados** e as razões que engendraram esse silêncio. E esta tarefa revela-se tanto mais necessária, quanto mais imperioso se torna, para o psicólogo, converter-se ou reconverter-se em alguém capaz de **desvelar o sentido da palavra do homem**”.<sup>5</sup>

## NOTAS

- (1) Apud MARX e HILLIX, **Sistemas e Teorias em Psicologia**, SO., Cultrix, 232.
- (2) Para uma análise comparativa dos conceitos da **Ciência**, ver artigo de Constança Marcondes Cesar, “Skinner e Comte: aproximações”, **Revista Reflexão**, ano IX, nº 28, jan/abril 1984.
- (3) Apud HYDE e LAMBERT in **Personalidade e Psicoterapia Hoje**, RJ., Zahar, Cap. III, 89.
- (4) JAPIASSU, H. **Introdução à Epistemologia da Psicologia**, RJ., Imago, 1982.
- (5) Idém. op. cit., pg 175.

## BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES PARA LEITURA

- ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**, SP., Brasiliense, 1981, 209 p.
- ARANHA, M. Lucia Arruda e MARTINS, M. Helena Pires. **Filosofando**, SP., Moderna, 1986, 443p.
- BOSS, Medard. **Angústia, Culpa e Libertação**, 2ª ed., SP., Duas Cidades, 1977.
- CHÂTELET, E. **História da Filosofia**, RJ., Zahar, 8 volumes.
- CHAUÍ, Marilena e outros. **Primeira Filosofia**, SP., Brasiliense, 1984, 310 p.
- COMTE, A. **Discurso sobre o Espírito Positivo**, in col. Os Pensadores, SP., Abril, 1978, 43-99.

- FERREIRA, Ana Eugenia e CARNEIRO, I. Feres (org.) **Personalidade e Psicoterapia Hoje**, RJ, Zahar, 181 p.
- FREUD, S. **Obras Completas**, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1972, 3 volumes (traduzido para o português, Ed. Imago, RJ., 12 volumes)
- FINE, Reuben. **A História da Psicanálise**, SP., LCT/EDUSP, 1981 545p.
- FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**, RJ., Tempo Brasileiro, 99 p.
- HEIDBREder, Edna. **Psicologias del Siglo XX**, Buenos Aires, Paidós, 1960, especialmente capítulo XII: La psicología fenomenológica: M. Ponty, 582-605.
- HUSSERL, E. **Investigações Lógicas** in Col. Os Pensadores, SP. Ed. Abril/Nova Cultural.
- JAPIASSU, H. **Introdução à Epistemologia da Psicologia**, RJ., Imago, 1982, 180 p.
- LOSEE, John. **Introdução Histórica à Filosofia da Ciência**, SP. Itatiaia/Edusp, 1979, 229 p.
- MAY, Rollo. **Eros e a repressão: amar e vontade**, RJ., 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1978.
- MARX, Melvin e HILLIX, Willian. **Sistemas e Teorias em Psicologia**, SP., Cultrix, 1985, 755 p.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**, RJ. Freitas Bastos, 1971.
- **A Estrutura do Comportamento**, Belo Horizonte, Interlivros, 1975.
- PERLS, Frederick S. **Gestalt-terapia explicada**, SP., Summus, 1977, 371 p.
- ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**, SP., Martins Fontes, 1961.
- SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**, in Col. Os Pensadores., SP., Ed. Abril, 1978.
- **Questão de Método**, in Col Os Pensadores, SP., Ed Abril, 1978.
- SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**, SP., EDART, 1974, 251.
- **Contingências do Reforço**, in Col. Os Pensadores, SP., Ed. Abril, 1978.
- SCIACCA, M. F. **História da Filosofia**, SP., Mestre Jou, 1968, 3 volumes.
- VAN DEN BERG, J. H. **O paciente psiquiátrico Esboço de Psicopatologia fenomenológica**, SP., Mestre Jou, 1973.

Outros textos introdutórios do pensamento de Freud, Yung e outros autores bem como a temáticas específicas, podem ser encontrados nas coleções **Vida e Obra**, RJ., Paz e Terra; **Primeiros Passos**, SP., Brasiliense; **Pensamento Vivo**, SP., Martins Claret Editores; **As Idéias**, SP., Cultrix.